

A ARTE DO LADRÃO: Reflexões sobre o ensino de Metodologia em Economia

Wandyr Hagge¹

«Estudei em uma época em que a economia vulgar se encontrava em uma situação particularmente vulgar».

(Joan Robinson)²

O que significa a palavra «metodologia» quando falamos de Metodologia?

Uma pergunta incômoda formulada em um momento inconveniente: uma Mesa Redonda destinada a discutir o ensino de «Metodologia e Caminhos da Ciência Econômica». De fato, discussões entre metodólogos são complexas porque Metodologia, em certa medida, é um sujeito pirandelliano. Seus temas são, por assim dizer, «personagens à procura de um autor»: não existe uma abordagem «clássica»; uma ementa obrigatória; uma seleção consensual de temas. Metodologia não é como Microeconomia, Macroeconomia, Economia Internacional ou qualquer disciplina que se permite enquadrar no formato de um «manual».

Nesse sentido, quando se fala do ensino de Metodologia, o primeiro problema a enfrentar é que cada professor conduz seus alunos como se fosse Luís XIV: «O curso sou eu». Ao longo dos tempos, a disciplina tem se confundido com os professores dos cursos (e suas personalidades e idiossincrasias). Fica, pois, muito difícil estabelecer as regras de qualquer debate mais amplo; torna-se inviável - diante da imensa gama de variáveis formais, teóricas e ideológicas -, estabelecer o que é relevante e o que não é relevante; é impossível traduzir o campo em um *curriculum* acadêmico básico.

A própria idéia de metodologia, ao longo dos tempos, tem comportado uma vasta polissemia.

Em primeiro lugar, emprega-se o termo «Metodologia» quando se deseja socializar alunos com respeito às regras formais mínimas para se apresentar um projeto, uma monografia, uma dissertação ou qualquer outro trabalho escrito. «Metodologia», portanto, se confundiria com «regras de apresentação de trabalhos científicos».³

Segundo, fala-se de «Metodologia» como o ensino de «Lógica» formal; onde se procura mostrar o que caracteriza a «ciência» e como se constróem argumentos «indutivos», «dedutivos», «leis», «explicações científicas», etc.⁴ Ou seja, enquanto a primeira abordagem ensinaria supostamente a *apresentar* argumentos, a segunda ensina a *formulá-los* corretamente.

¹ - Professor Adjunto da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ) e Coordenador do Mestrado em Economia do Comércio Internacional da Universidade Estácio de Sá.

² - «Carta abierta de un keynesiano a un marxista», Tradução espanhola de Mireia Bofill in: *Relevancia de la teoria económica*. Madrid. Ediciones Martinez Roca, 1976.

³ - Como exemplo dessa abordagem, considere-se o texto de Lília da Rocha Bastos *et alii*. (1979): *Manual para a Elaboração de Projetos, Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias*. 4.ed. (Revista e ampliada). Rio de Janeiro, Guanabara/Koogan, 1993.

⁴ - Veja-se, por exemplo, Aluisio José Maria de Souza *et alii*. (1976): *Iniciação à Lógica e à Metodologia Científica*. São Paulo, Cultrix.

Terceiro, fala-se de «Metodologia» enquanto prática instrumental. Assim sendo, há cursos que buscam introduzir os alunos ao uso de uma série de instrumentos necessários ao cotidiano da pesquisa.⁵ Entre esses instrumentos, sem dúvida, técnicas objetivas e subjetivas de avaliação que vão desde como se montar um questionário (ou estruturar uma entrevista) até o uso correto de estatística elementar.

Quarto, fala-se de «Metodologia» quando se busca mostrar aos alunos algo que vai *além* das regras formais ou de lógica, ou seja, quando se deseja que sejam introduzidos à dimensão existencial do ato da pesquisa.⁶ Com essa finalidade constroem-se textos que funcionam mais como brevíários de conduta do que como regras de apresentação ou introduções à lógica formal.

Quinto, fala-se de «Metodologia» quando se busca esclarecer que - além de uma busca existencial, realizada dentro das regras da lógica e tabulada de acordo com um consenso estrito -, a ciência se constrói dentro de «paradigmas» como o estruturalista, o funcionalista e o marxista. E, conseqüentemente, para que se façam boas pesquisas em Ciências Sociais, é preciso que exista um tipo de consciência que se relacione a alguns cânones «ideológicos».⁷

Sexto, fala-se de «Metodologia» quando se busca introduzir os conceitos de filosofia da ciência em termos daquilo que se convencionou chamar de «debate anglo-saxão», isto é, a Tradição que emana de Vienna e passa por Popper, Kuhn, Lakatos, Feyerabend e além, flertando (aqui e ali) com Wittgenstein.⁸

Sétimo, fala-se de «Metodologia» enquanto uma «metodologia aplicada», ou seja, como uma reflexão sobre os expedientes utilizados para se resolver questões concretas da teoria econômica.⁹ Para atingir esse objetivo, listam-se algumas controvérsias clássicas que surgiram na Teoria Econômica - como os problemas da retroca de técnicas e do paradoxo de Leontief -, e se investiga uma literatura que se construiu em torno desses problemas.

Oitavo, fala-se de «Metodologia» sempre que se discutem as estratégias heurísticas por trás de abordagens teóricas e suas principais repercussões na teoria propriamente dita.¹⁰ Dentro desta agenda discutem-se o instrumentalismo de Friedman, a praxeologia dos austríacos, o empirismo de Machlup, o descritivismo de Samuelson, e outras tantas abordagens.

⁵ - Veja-se, como ilustração, Antonio Carlos Gil. (1987): *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 3.ed. São Paulo, Atlas, 1991.

⁶ - Assim procede C. Wright Mills no apêndice - «Do artesanato intelectual» -, de seu livro *A imaginação sociológica*. Ver C. Wright Mills. (1959): *The sociological imagination*. Tradução de Waltensir Dutra: *A imaginação sociológica*. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. Outro bom exemplo está no capítulo «Introdução a uma sociologia reflexiva» de Pierre Bourdieu. (1989): *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand.

⁷ - Maria Cecília de Souza Minayo, por exemplo, em seu *O desafio do conhecimento*, introduz esse tema com muita competência.

⁸ - Esta trajetória é seguida por Mark Blaug, em seu *The Methodology of Economics* (1980) e, para citar apenas mais um, Bruce Caldwell, em seu *Beyond Positivism: Economic methodology in the twentieth century*, (1982). Ver também Pheby (1988): *Methodology and Economics: A critical introduction*. London, MacMillan.

⁹ - Ver Lawrence E. Boland. (1989): *The Methodology of Economic Model Building: Methodology after Samuelson*. London/New York, Routledge, 1991. Ver também Mark Blaug, 1980, *op. cit.*, parte III.

¹⁰ - Ver Caldwell, 1982, *op. cit.* segunda parte.

Nono, fala-se de «Metodologia» como a própria História da disciplina «Metodologia» desde que começa a emergir com Nassau Senior, no início do século XIX e passa por John Elliott Cairnes, John Stuart Mill, John Neville Keynes, Milton Friedman, etc.¹¹

Décimo, fala-se em «Metodologia» enquanto «Ética». Ou seja, enquanto «consciência» do pesquisador diante do seu campo de pesquisa.¹²

Esta não é uma lista exaustiva: que se páre no número dez.¹³ Na prática, cursos de Metodologia acabam sendo ou um desses tipos «puros» ou, então, produtos híbridos que misturam um ou mais tipos ideais.

É óbvio que há problemas em cada uma dessas agendas. Cursos que ensinam as normas para a construção de textos costumam ter o tédio como interlocutor privilegiado. Cursos de lógica formal e adestramento ao uso de instrumentos básicos não cabem confortavelmente em Economia dado que o aluno de Economia é submetido a uma carga de instrumentalização, desde o primeiro até o último período, onde aprende - supostamente com maior profundidade -, todos os recursos necessários ao exercício de seu ofício. Cursos que investigam a heurística do saber econômico correm o risco de serem específicos demais (ao menos a nível de Graduação). Cursos «epistemológicos» supõem a existência bem consolidada de um objeto: não adianta discutir «a estrutura das revoluções científicas» em Economia na ausência de um conhecimento competente da ciência econômica e de sua história.

Em suma, não resta dúvida que definir Metodologia, enquanto objeto, é complicado. Porém, como não existe definição sem arbitrariedade - e como definições são necessárias para que tenhamos a ilusão de que sabemos aquilo sobre o que estamos falando -, proporei a minha: sugiro que se entenda Metodologia como o lugar específico das reflexões sobre tudo aquilo que se considera de problemático na Teoria Econômica. Ou seja, o lugar específico das investigações sobre aquilo que não satisfaz na Economia; que perturba os economistas.

Aqui, um esclarecimento. A Metodologia, se compreendida nesse sentido, é companheira da Dúvida e da Angústia; oscila entre Descartes e Hamlet em sua busca de certezas. Oscila, repito, entre Descartes e Hamlet naquilo que acaba encontrando: um mundo com o qual não consegue lidar. De fato, aqueles que se encontram felizes com a Teoria Econômica de que dispõem podem mesmo se dar ao luxo de desprezar os metodólogos e considerar os cursos de Metodologia como apêndices inúteis; uma irritante sobrecarga horária.

Uma coisa é certa: a Metodologia - enquanto disciplina -, sempre apareceu na Teoria Econômica como uma filha de crises no saber econômico. Não será, portanto, uma coincidência o fato de que sempre que há uma crise na Teoria, a Metodologia ganha espaço. A se examinar esta tese historicamente, constatar-se-á que a Metodologia aparece - nas linhas gerais em que é (ainda hoje) discutida - logo depois que David Ricardo desloca a Teoria Econômica de uma base de argumentação histórico-indutiva para novos cânones dedutivos.¹⁴

¹¹ - Como em Blaug, 1980, *op. cit.*, parte II.

¹² - A obra de Joan Robinson é um testemunho desta postura. Contudo, veja-se, por exemplo, o pequeno *Filosofia Econômica* (1962) onde algumas idéias arcanas estão presentes.

¹³ - Seria possível acrescentar uma série imensa de outras alternativas. Apenas para citar mais dois exemplos, vejam-se o *Retórica na Economia*, 1990, organizado por José Márcio Rego (São Paulo, Editora 34) ou então *Hermeneutics and Economics*, editado por Don Lavoie e publicado pela Routledge em 1990.

¹⁴ - Esse «aparecimento» se dá por volta das décadas de 1830 e 1840, com as obras de Nassau Senior, *An outline of the science of Political Economy* (1836) e John Stuart Mill, *On the definition of Political Economy and on the method of investigation proper to it*, 1848. Para uma

Enquanto *disciplina*, Metodologia parece consolidar-se por volta de 1870.¹⁵ a «Revolução Marginalista» está começando a dar os seus primeiros passos na Inglaterra e na Suíça; na Alemanha e na Áustria trava-se uma autêntica disputa de métodos entre «economistas» e «historiadores»...

Em 1890 - ano em que a publicação dos *Principles of Economics* inaugura uma verdadeira *Pax Marshalliana* -, aparece o primeiro «clássico» da disciplina na língua inglesa: o *Scope and Method of Political Economy*, de John Neville Keynes (que sobreviverá até, pelo menos, o início da década de 1950)!¹⁶

Em síntese, as primeiras discussões de Metodologia, em Economia, são, por assim dizer, uma resposta dos economistas que hoje chamamos de «clássicos» a seus críticos. Os debates são a evidência de um tecido teórico em decomposição. A Metodologia alinha-se com os «clássicos» contra os «teóricos puros» (como Jevons e Walras). Aparece, em um primeiro momento, como uma vontade de legitimar a cientificidade de um discurso que está perdendo a sua confiança.

A Metodologia - arma dos «clássicos» -, combate. E perde. É substituída pela Teoria Pura.

De certa maneira, a vitória da «Economia» sobre a «Economia Política» redefiniu o próprio conceito de Metodologia: por «método», passou a se entender o «método matemático». E o método matemático se aprende em aulas de cálculo, e não em cursos de Metodologia... Essa «redefinição», por outro lado, causou um forte impacto naqueles que seriam cursos de Metodologia. Estes passaram a se dedicar quase que necessariamente a uma *crítica* à Economia Matemática.

Unidos por um adversário comum - as limitações da Economia Matemática -, os cursos de Metodologia se transformaram, portanto, no *locus classicus* onde um exército de Brancaneone de críticos (frequentemente exóticos) exercia seu direito de protestar contra o «imperialismo positivista da Teoria». Porque «exóticos», os professores de Metodologia são bem tolerados (eles existem até mesmo nos Departamentos mais ortodoxos!).¹⁷ Mas o resultado é sempre o mesmo: aqueles cursos que escapam de ser meras normas de apresentação tabular acabam se transformando em veículos idiossincráticos de discussões não sistematizadas que frequentemente desandam e ou se transformam em queixumes de frustrações pessoais ou então em roteiros épicos da redescoberta de alguma «roda» qualquer... E aí; qualquer coisa pode acontecer em um curso de Metodologia!

Não me entendam mal. Não estou propondo uma pauta única, um «manual» ou uma agenda que supere essas limitações. Não vejo a Metodologia como o Santo Graal que virá curar todos os males da Teoria.

Pelo contrário, entendida como o lugar teórico para as reflexões sobre o que é problemático em Economia, a Metodologia acaba - por definição -, se confundindo com a própria Teoria. E a Teoria deve emanar de observação direta de uma «realidade» que não reflita tão somente as angústias de «manuais»...

Acredito que Joan Robinson estava certa:

análise mais detalhada, veja-se minha «A Agonia de Athena: razão versus história pensamento econômico clássico». Tese de Doutorado. IEI/UFRJ, 1995, mimeo.

¹⁵ - Como ilustra a popularidade de John Elliott Cairnes e seu *The character and logical method of Political Economy*, 2. es. 1875..

¹⁶ - Como atesta a quarta edição publicada em Nova Iorque por Kelley & Newman em 1955.

¹⁷ - O que acaba transformando os cursos de Metodologia, para falar na linguagem dos antropólogos, como um tipo de transgressão que confirma a ordem.

«[Existem coisas] que não podem ser aprendidas em livros. Se desejássemos aprender a andar de bicicleta, deveríamos nos inscrever em um curso por correspondência?»¹⁸

A resposta dela é clara:

«Não. Pediríamos emprestado uma bicicleta velha, montaríamos nela, cairíamos e machucariamos os joelhos e tentariamos de novo, andando tropeçadamente, até que - eis que acontece! -, teríamos aprendido a andar de bicicleta.»¹⁹

Mas, infelizmente, aprender a *pensar* em Economia é mais complicado do que aprender a andar de bicicleta. E a analogia precisa ser interrompida.

Pensar a Economia significa pensar o todo e as partes - como os «clássicos» procuravam fazer...

Mas eis que um primeiro problema vem à tona aqui: a trajetória de especialização da Economia (e mormente da Economia Matemática) acabou por delimitar - a meu ver de modo procustiano -, o objeto primordial da Economia (Política). Temas como «contrabando», «teoria da população» - e, mais modernamente, como «subemprego» e «tráfico de drogas» -, que caberiam confortavelmente na Economia «Clássica» foram varridos para fora das fronteiras da Economia e são tratados, na melhor das hipóteses, como casos de polícia. E a Economia fecha seus olhos para o mundo!

Caberia, por exemplo, à Metodologia pensar formas de (re)integração com as demais Ciências Sociais.²⁰ Assim, tanto a Teoria Econômica quanto a Metodologia estariam, hoje, situadas no plano da interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade.

Entretanto, uma das características do saber moderno é justamente a falta de «foco».²¹ Ou seja, torna-se frequentemente difícil estabelecer a identidade profissional - o ofício -, dos produtores de determinado tipo de discurso. Não se sabe exatamente o que é um Foucault, o que é um Habermas, o que é um Feyerabend... Foucault não é um psiquiatra (mas escreve sobre Psiquiatria), não é um historiador (mas faz História), não é um filósofo (mas seu texto é Filosofia); constrói pensamentos sem pátria acadêmica concreta. O corte do objeto - embora frequentemente bem definido -, não se presta a um enquadramento «tradicional»; quer dizer, que se limite às fronteiras de uma disciplina estabelecida.

Nesse sentido, a Metodologia é a própria encarnação do discurso «moderno» na Economia: transdisciplinar, angustiado, perdido... Mas esse não é meu ponto, aqui. Gostaria, antes, de sugerir que - ao lado de sua «missão» de arauto da interdisciplinaridade - o metodólogo precisa retomar um espaço que a Economia perdeu de si mesma. Vou chamar esse espaço de dimensão *intradisciplinar*.

¹⁸ - «Carta abierta de un keynesiano a un marxista», Tradução espanhola de Mireia Bofill in: *Relevancia de la teoría económica*. Madrid. Ediciones Martinez Roca, 1976, p. 350. Tradução para o português minha.

¹⁹ - Joan Robinson, *op. cit.*, p. 350. Tradução para o português minha.

²⁰ - De fato, ao longo dos tempos, a Economia acabou fortalecendo-se ou em áreas onde os dados eram mais abundantes ou que se prestassem ao uso de algum tipo de instrumento (Econométrico, por exemplo) ou mesmo que comportassem um tratamento formal mais rigoroso. Áreas menos quantificáveis - e, portanto, menos «nobres», foram relegadas à Sociologia, à Ciência Política, à História, à Antropologia, etc.

²¹ - Sobre esse assunto, consulte-se o primeiro capítulo («*Blurred Genres: The Refiguration of Social Thought*») de Clifford Geertz. (1983): *Local Knowledge: Further essays in interpretive anthropology*. New York, Basic Books.

Procurarei delimitar essa dimensão intradisciplinar em dois principais campos.

Primeiro: como se processa a dinâmica do objeto econômico dentro de si mesmo? Como é que a Economia Política vai se transformar em Teoria Econômica (Pura), e se estilhar em dezenas de outros campos como Economia Internacional, Economia do Trabalho, Economia Industrial, etc.? Como vão se deslocando - de que maneira vão-se movendo -, os conteúdos de cada disciplina dentro das ementas acadêmicas e/ou mesmo o conteúdo dos próprios programas de pesquisa em competição em um determinado momento?²²

Meu argumento é que, ao longo dos tempos, a Economia perdeu a capacidade de fazer essa reflexão (que não deve ser confundida com a disciplina de História do Pensamento Econômico). A dinâmica dos *curricula* de Economia, os eventuais novos campos abertos e fechados (disciplinas também morrem...), os temas da moda e os temas «clássicos» que, mesmo quando já sem utilidade, continuam sendo ensinados são um objeto digno de ser investigado e - quero crer - capaz de lançar novas luzes na compreensão da imagem que o economista faz de si mesmo. Essa é a primeira dimensão - que considero uma dimensão instigante -, que a Metodologia deveria ser capaz de, de uma certa maneira, discutir.

Existe, ainda uma outra dimensão que acho importante que a Metodologia discuta e, na verdade, trata-se de uma outra acepção para a idéia de *intradisciplinaridade*. Sugiro chamar de intradisciplinar uma proposta que tenha por objetivo comparar as diversas linguagens da Economia; isto é, das tendências que podem ser encontradas no cotidiano da pesquisa econômica.

O que se busca aqui é estabelecer quais são as fronteiras e os pontos de atrito entre os diversos programas de pesquisa em Economia atualmente em vigor. Quando falamos de keynesianos, neo-keynesianos, pós-keynesianos, neo-ricardianos, neo-walrasianos, neo-austriacos, neo-malthusianos, neo-schumpeterianos, marxistas, neo-marxistas, economistas da regulação, enfim, das diversas seitas que estão disputando um espaço comum nas salas de aula, nos jornais, nas editoras e nos financiamentos de pesquisa, precisamos nos preocupar com a superposição de discursos; precisamos saber a possibilidade de se investigar as relações entre os vocabulários teóricos em questão. Precisamos ter a certeza última de que não estão todos falando a mesma coisa de maneiras diferentes, ou construindo significados que se cruzam sem se ver ou se lancem ao mundo atabalhoadamente como balas perdidas.

Ao metodólogo cabe, antes de mais nada um trabalho cartográfico. Cabe inventariar as fronteiras e a topografia das diversas regiões do conhecimento. Cabe zelar pela consciência no emprego da linguagem na medida em que a linguagem é o principal veículo dos conteúdos heurísticos e filosóficos da Economia. Uma Economia sem consciência metodológica produz monstros - como marxistas «neoclássicos» e keynesianos «monetaristas» - dignos de constar em qualquer manual de Teratologia.²³ Não que se deva coibir o diálogo e a ousadia dentro da dinâmica dentro de cada Tradição, mas um mínimo de consistência teórica deve ser almejado.

Propor uma reflexão intradisciplinar como uma meta para os cursos de «Metodologia» é quase uma provocação. Porém, é preciso que as soluções eventuais para o ensino de «Metodologia» fujam da monotonia e da incomunicabilidade.

É preciso fugir do rigor pelo rigor: não adianta sabermos as respostas certas para as perguntas erradas.

²² - Ver *A Agonia de Athena*, Op. cit.

²³ - Não é exagero: é relativamente comum encontrar em textos de Economia exercícios tipicamente neoclássicos o encapsulados em uma argumentação marxista, por exemplo, que, se levada às últimas consequências, tornariam o texto auto-destrutivo.

É preciso que uma série de questões desprezadas voltem a ser debatidas. É preciso que se investigue a própria *qualidade* do ensino de metodologia. Afinal: que tipo de aprendizado é preciso se transmitir nesses cursos? Será que devemos nos limitar a transmitir um conhecimento frequentemente estéril ou devemos almejar transmitir «sabedoria»? E, em última análise, se devemos transmitir «sabedoria», onde encontrá-la?

Meu inesquecível Mestre, Isaac Kerstenetzky, mais de uma vez sublinhou suas críticas ao procedimento dos economistas com uma piada:

Tarde da noite, um homem agachado em frente a um poste parecia ansiosamente procurar algo. Um pedestre, compadecido, resolveu ajudar na busca. Depois de algum tempo sem que encontrassem nada, o solícito ajudante perguntou:

— Desculpe, mas o que foi *mesmo* que o senhor perdeu?

— Minhas chaves... —, veio a pronta resposta angustiada.

— Mas já estamos procurando há meia hora e... nada... O senhor tem certeza de que as perdeu aqui?

— De fato, não as perdi aqui. Perdi-as logo ali, adiante...

— Mas se o senhor perdeu suas chaves ali adiante... — irritou-se o primeiro —, ... por que as procura aqui?

— Ora, estou procurando aqui porque está mais claro!

Com efeito, se — enquanto pesquisadores —, perdemos a capacidade de vislumbrar um ideal de Economia que nos motive a pesquisar o que vale à pena ser pesquisado, não adianta insistir no ensino e pesquisa de Metodologia: a metodologia seria, então, um Golem; um mero demonstrativo de que se domina uma «matéria» na qual não pulsa um coração e pela qual não corre sangue.

Por outro lado, existe um mundo repleto de problemas e desafios capazes de estimular pesquisadores com as mais diversas dotações intelectuais. Nesse sentido, se esses problemas forem revitalizados, valeria à pena ensinar a nossos alunos e difundir junto a nossos pares, a «arte do ladrão»:

«Notando que o pai estava ficando velho, o filho de um ladrão disse:

- Pai, ensine-me sua profissão para que eu possa continuar a tradição da família, quando se aposentar.

O pai não respondeu, mas naquela noite levou o menino junto com ele para arrombar uma casa. Depois de entrarem, abriu um armário e mandou o filho ver o que havia dentro dele. Assim que o menino entrou, o pai bateu a porta e trancou, fazendo tanto barulho que a casa inteira acordou. Ai ele próprio bateu silenciosamente em retirada.

Dentro do armário, o menino estava aterrorizado, zangado e perplexo, sem saber como fugir. Então teve uma idéia. Começou a fazer o barulho de um gato e então o criado acendeu uma vela e abriu o armário para deixar o gato sair. Assim que a porta do armário foi aberta, o menino saltou para fora e todos saíram em sua perseguição. Notando que havia um poço à beira do caminho, o menino atirou uma pedra dentro dele e se escondeu nas sombras; então saiu às escondidas enquanto seus perseguidores esquadrihavam o fundo do poço, procurando ver o ladrão se afogar.

Quando conseguiu retornar a sua casa, o menino esqueceu a raiva, pois estava ansioso para contar sua aventura mas o pai disse:

- Para que contar-me o que aconteceu? Você está aqui. Isso basta para provar que aprendeu a profissão».²⁴

No fundo, temos que nos conformar com o fato de que há certas coisas que não podemos ensinar em sala de aula... Temos que ter a consciência de que *também* não podemos ensinar algo que não sabemos (ou que há muito já esquecemos). Temos que nos conformar diante do fato de que existe muita coisa que jamais poderemos aprender, quanto mais ensinar...

Enquanto metodólogos, temos a responsabilidade de propor desafios a quem quer que se interesse: aqueles que têm talento aprenderão. Ainda que sozinhos...

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Lília da Rocha, FERNANDES, Lúcia Monteiro, PAIXÃO, Lyra & Deluiz, Neise. (1979): *Manual para a Elaboração de Projetos, Relatórios de Pesquisa, Teses, Dissertações e Monografias*. 4.ed. (Revista e ampliada). Rio de Janeiro, Guanabara/Koogan, 1993.

BLAUG, Mark. (1980): *The methodology of economics: or how economists explain*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

BOLAND, Lawrence E. (1989): *The Methodology of Economic Model Building: Methodology after Samuelson*. London/New York, Routledge, 1991.

BOURDIEU, Pierre. (1989): *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand.

CALDWELL, Bruce. (1982): *Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century*. London, George Allen & Unwin, 1985.

DE MARCHI, Neil. (1988): *The popperian legacy in economics: Papers presented at a symposium in Amsterdam, December 1985*. Cambridge, Cambridge University Press.

ECO, Umberto. (1977): *Como se faz uma tese de laurea*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza: *Como se faz uma tese*. 12.ed. São Paulo, Perspectiva, 1995.

GEERTZ, Clifford. (1983): *Local Knowledge: Further essays in interpretive anthropology*. New York, Basic Books.

GIL, Antonio Carlos. (1987): *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 3.ed. São Paulo, Atlas, 1991.

LATSIS, Spiro. (Ed.) 1976): *Method and appraisal in economics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

LAVOIE, Don. (1990) (ed.): *Hermeneutics and Economics*. London/New York, Routledge.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (1992): *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 2.ed. São Paulo, HUCITEC-ABRASCO, 1993.

REGO, José Marcio. (1996) (org.): *Retórica na Economia*. São Paulo, Editora 34.

ROBINSON, Joan. (1962): *Economic Philosophy*. Tradução de Sérgio Tolipan: *Filosofia Econômica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

ROBINSON, Joan. (1973): *Collected Papers*. Vol. IV. Tradução de Mireia Bofill: *Relevancia de la teoria económica*. Madrid, Ediciones Martínez Roca, 1976.

SOUZA, Aluizio José Maria de et alii. (1976): *Iniciação à Lógica e à Metodologia Científica*. São Paulo, Cultrix.

WRIGHT MILLS, C. (1959): *The Sociological Imagination*. Tradução de Waltensir Dutra: *A Imaginação Sociológica*. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

²⁴ - Anthony de Mello. (1989): *The prayer of the frog*. Tradução de Barbara Theoto Lambert: *O enigma do iluminado*. Vol. 2. São Paulo, Edições Loyola, 1991, p. 21.